

BELO MUNDO, ONDE VOCÊ ESTÁ



SALLY ROONEY

# Belo mundo, onde você está

*Tradução*

Débora Landsberg



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2021 by Sally Rooney  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Beautiful World, Where Are You

p. 5: Trecho de “O meu ofício” de *As pequenas virtudes*. Trad. de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, pp. 81-2.

p. 22: Versos de Rainer Maria Rilke, “Dia de outono”, em *Poemas*. Trad. de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 81.

p. 181: Trecho de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido: à sombra das raparigas em flor*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2006, pp. 180-1.

p. 237: Citação de Cântico dos Cânticos 2,14.

p. 274: Verso de T.S. Eliot, “A terra devastada”, em *Poemas*. Org., trad. e posf. de Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 131.

*Capa*

gray318

*Ilustrações de capa*

Manshen Lo/ Heart

*Preparação*

Gabriele Fernandes

*Revisão*

Camila Saraiva

Adriana Bairrada

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rooney, Sally

Belo mundo, onde você está / Sally Rooney ; tradução Débora Landsberg. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2021.

Título original: Beautiful World, Where Are You.

ISBN 978-65-5921-332-0

1. Ficção irlandesa I. Título.

21-73151

CDD-11823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura irlandesa

11823

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2021]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Quando escrevo algo, frequentemente penso que aquilo é muito importante e que sou uma grande escritora. Acho que acontece com todos. Mas há um cantinho da minha alma onde sempre sei muito bem o que sou, isto é, uma pequena, pequena escritora. Juro que sei. Mas não me importa muito.*

Natalia Ginzburg



Uma mulher estava sentada no bar do hotel, olhando a porta. Sua aparência era elegante e asseada: blusa branca, o cabelo louro enfiado atrás das orelhas. Ela deu uma olhada na tela do celular, que mostrava um aplicativo de mensagens, e tornou a fitar a porta. Era fim de março, o bar estava sossegado, e, do lado de fora da janela, à sua direita, o sol começava a se pôr sobre o Atlântico. Eram sete horas e quatro minutos, e depois cinco, seis minutos. Por alguns instantes e aparentemente sem nenhum interesse, ela examinou as unhas. Às sete e oito, um homem entrou porta adentro. Era franzino e tinha o cabelo escuro, o rosto estreito. Ele olhou ao redor, analisando a fisionomia dos outros clientes, e então pegou o celular e verificou a tela. A mulher junto à janela o notou, mas, além de observar, não fez nenhum esforço a mais para chamar sua atenção. Pareciam ser mais ou menos da mesma idade, ter vinte e tantos ou trinta e poucos anos. Ela deixou que ele ficasse de pé ali até vê-la e se aproximar.

Você é a Alice?, ele perguntou.

Eu mesma, ela respondeu.

Ah, eu sou o Felix. Desculpa o atraso.

Em tom amável, ela disse: Não tem problema. Ele perguntou o que ela queria beber e depois foi ao balcão fazer o pedido. A garçonete quis saber como ele estava, e ele respondeu: Legal, e você? Pediu uma vodca com tônica e um copo de cerveja. Em vez de levar a garrafa de água tônica para a mesa, ele a esvaziou no copo com um movimento ágil e ensaiado do punho. A mulher à mesa batucou os dedos no porta-copos, esperando. Transparecia ter ficado mais alerta e animada desde que o homem chegara. Ela olhou para fora, em direção ao pôr do sol, como se fosse de seu interesse, embora não tivesse prestado nenhuma atenção nele antes. Quando o homem voltou e pôs as bebidas na mesa, uma gota de cerveja transbordou, e ela a observou cair ligeiramente pela lateral do copo.

Você estava falando que acabou de se mudar pra cá, ele disse. É isso mesmo?

Ela fez que sim, deu um gole na bebida, lambeu o lábio superior.

Por que foi que você fez isso?, ele perguntou.

Como assim?

É que não é muito comum as pessoas se mudarem pra cá. O mais normal é que elas se mudem daqui. Você não está aqui por causa de trabalho, né?

Ah. Não, não exatamente.

Um olhar rápido entre eles pareceu confirmar que ele esperava uma explicação mais detalhada. A expressão dela vacilou, como se tentasse tomar uma decisão, e então deu um sorrisinho informal, quase conspiratório.

Bom, eu já estava querendo me mudar para outro lugar, ela contou, e aí ouvi falar de uma casa que fica na entrada da cidade — uma amiga minha conhece os donos. Parece que eles estão tentando vender há séculos e acabou que resolveram procurar



alguém para morar nela enquanto não conseguiam. Em todo caso, achei que seria legal morar perto do mar. Acho que foi uma atitude meio impulsiva, na verdade. Então... Mas a história toda é essa, não tive nenhuma outra razão.

Ele bebia e a escutava. Ao final de seus comentários, ela pareceu ter ficado um pouco nervosa, o que se revelava na respiração curta e na expressão meio autodepreciativa. Ele assistiu impassível a essa performance e em seguida pôs seu copo na mesa.

Entendi, ele disse. E antes você estava em Dublin, não é?

Em vários lugares. Passei um tempo em Nova York. Sou de Dublin, acho que já te falei. Mas estava morando em Nova York até o ano passado.

E o que é que você vai fazer agora que está aqui? Procurar um emprego ou coisa assim?

Ela fez uma pausa. Ele sorriu e se recostou na cadeira, ainda olhando para ela.

Desculpa fazer tanta pergunta, ele disse. Acho que ainda não entendi qual é a história toda.

Não, não tem problema. Mas não sou muito boa em dar respostas, como você está vendo.

Você trabalha em quê, então? Essa é a minha última pergunta.

Ela retribuiu o sorriso dele, dessa vez tensa. Sou escritora, ela declarou. Por que não me conta o que você faz?

Ah, não é tão incomum assim. Queria saber sobre o que você escreve, mas não vou perguntar. Eu trabalho em um depósito, fora da cidade.

Fazendo o quê?

Bom, fazendo o quê, ele repetiu, em tom filosófico. Catando as encomendas das prateleiras e botando tudo em um carrinho e depois levando as coisas para serem embrulhadas. Nada muito empolgante.

Então você não gosta?

Nossa, não, ele reagiu. Eu odeio aquela porra. Mas não me pagariam para fazer uma coisa de que eu gostasse, né? É esse o ponto do trabalho, se fosse bom, você faria ele de graça.

Ela sorriu e disse que era verdade. Do lado de fora da janela, o céu escurecia e as luzes do estacionamento cheio de trailers se acendiam: o brilho frio pungente dos postes de iluminação e as luzes amarelas mais cálidas nas janelas. A garçonete que ficava atrás do balcão do bar tinha saído para esfregar as mesas vazias com um pano. A mulher chamada Alice a observou por alguns segundos e depois voltou seu olhar para o homem.

Então, como é que as pessoas se divertem por aqui?, ela indagou.

Que nem em qualquer outro lugar. Tem uns pubs por aí. Tem uma boate lá em Ballina, que fica a uns vinte minutos de carro. E a gente tem uns parques de diversão também, claro, mas são mais para crianças. Imagino que você ainda não tenha nenhum amigo por aqui, certo?

Acho que você é a primeira pessoa com quem converso desde que me mudei.

Ele levantou as sobrancelhas. Você é tímida?, ele questionou. Me diz você.

Eles se entreolharam. Ela agora já não parecia mais nervosa, mas um pouco distante, enquanto os olhos dele percorriam o rosto dela, como se tentassem juntar alguma coisa. Por fim, passado um ou dois segundos, ele não aparentava ter concluído que fora bem-sucedido.

Acho que talvez seja, ele disse.

Ela perguntou onde ele morava, e ele explicou que dividia o aluguel de uma casa com amigos ali perto. Olhando pela janela, acrescentou que o terreno era quase visível dali onde estavam, logo depois do estacionamento. Ele se inclinou sobre a mesa pa-

ra mostrar, mas em seguida declarou que estava escuro demais. De qualquer forma, é daquele lado lá, ele disse. Ao se inclinar mais um pouco, seus olhares se cruzaram. Ela baixou os olhos para o colo, e, voltando a se sentar na cadeira, ele conteve um sorriso. Ela quis saber se os pais dele ainda moravam na cidade. Ele disse que a mãe falecera no ano anterior e que o pai estava “só Deus sabe onde”.

Quer dizer, para falar a verdade, ele deve estar em algum canto de Galway, ele acrescentou. Ele não vai aparecer na Argentina nem nada assim. Mas faz anos que não vejo ele.

Sinto muito pela sua mãe, ela disse.

É. Valeu.

Eu também não vejo o meu pai faz um tempo. Ele... não é muito confiável.

Felix ergueu os olhos do copo. Ah?, ele exclamou. Ele bebe, é?

Uhum. E ele... Ele inventa histórias, sabe?

Felix assentiu. Eu achava que esse fosse o seu trabalho, ele disse.

Ela ficou visivelmente corada diante do comentário, o que pareceu pegá-lo de surpresa e até mesmo assustá-lo. Muito engraçado, ela disse. Bom, quer tomar outra?

Depois da segunda, tomaram a terceira. Ele perguntou se ela tinha irmãos, e ela contou que tinha um, mais novo. Ele falou que também tinha um. Ao final da terceira bebida, o rosto de Alice estava rosado e os olhos, vidrados e brilhantes. Felix continuava exatamente como entrou no bar, sem qualquer mudança de postura ou tom. Mas, enquanto o olhar dela percorria cada vez mais o local, exprimindo um interesse difuso pelo ambiente, a atenção que ele prestava a ela havia se tornado mais vigilante e compenetrada. Ela chacoalhou o gelo no copo vazio, distraída.

Você gostaria de conhecer a minha casa?, ela indagou. Es-

tava querendo exibir ela, mas não conheço ninguém para convidar. Quer dizer, eu vou convidar os meus amigos, óbvio. Mas eles estão espalhados por aí.

Por Nova York.

Por Dublin, a maioria.

Onde é que fica a casa?, ele perguntou. Dá para ir andando?

Sem sombra de dúvida. Na verdade, a gente vai ter que andar. Não sei dirigir, você sabe?

No momento, não. Não me arriscaria, pelo menos. Mas eu tenho carteira, sim.

Tem, ela murmurou. Que romântico. Você vai querer mais uma ou podemos ir?

Ele franziu as sobrancelhas diante da pergunta, ou do fraseado da pergunta, ou do uso da palavra “romântico”. Ela revirava a bolsa sem levantar a cabeça.

É, vamos lá, por que não, ele disse.

Ela se levantou e começou a vestir o agasalho, um casaco impermeável bege com uma fileira de botões. Ficou observando-a dobrar uma manga para deixá-la igual à outra. De pé, ele era só um pouquinho mais alto que ela.

Fica muito longe?, ele perguntou.

Ela lhe deu um sorriso brincalhão. Mudou de ideia?, ela questionou. Se você ficar cansado de andar, é só me abandonar e dar meia-volta, estou acostumada. Digo, com a caminhada. Não com ser abandonada. Pode ser que eu também esteja acostumada com isso, mas não confesso esse tipo de coisa a estranhos.

Ele não respondeu ao comentário, apenas assentiu com uma expressão paciente, ligeiramente séria, como se esse aspecto da personalidade dela, a tendência a ser “espiritual” e verborrágica, fosse, depois de uma ou duas horas de conversa, uma característica que tivesse percebido e decidido ignorar. Ele deu boa-noite à garçonne quando estavam saindo. Alice ficou im-

pressionada com isso, e olhou por cima do ombro para espiar a mulher outra vez. Lá fora, na calçada, ela perguntou se ele a conhecia. Atrás deles, a maré quebrava fazendo um ruído baixo, reconfortante, e o ar estava frio.

A moça que trabalha aí?, questionou Felix. Conheço ela, sim. Sinead. Por quê?

Ela vai ficar se perguntando o que você estava fazendo lá, de papo comigo.

Em tom monocórdio, Felix retrucou: Eu diria que ela tem uma ideia. Aonde a gente está indo?

Alice enfiou as mãos no bolso do casaco e começou a andar morro acima. Parecia ter reconhecido uma espécie de provocação ou até mesmo de repúdio no tom dele, e, em vez de se intimidar, era como se isso tivesse reforçado sua determinação.

Por quê, você sempre se encontra com mulheres lá?, ela perguntou.

Ele tinha que acelerar o passo para acompanhar o ritmo dela. Que pergunta esquisita, ele retrucou.

É? Acho que eu sou uma pessoa esquisita.

É da sua conta se me encontro com pessoas lá?, ele perguntou.

Nada que te diga respeito é da minha conta, naturalmente. Foi só curiosidade.

Ele pareceu ponderar e, enquanto isso, repetiu com uma voz mais baixa, mas menos segura: É, porque não entendo como isso seria da sua conta. Uns instantes depois, acrescentou: Foi você quem sugeriu o hotel. Só pra você saber, não tenho o hábito de ir lá. Então não, não me encontro com as pessoas lá tanto assim. O.k.?

O.k., tudo bem. Minha curiosidade foi despertada pelo seu comentário de que a moça do bar “fazia ideia” do que a gente estava fazendo lá.

Bom, eu tenho certeza de que ela percebeu que a gente estava num encontro, ele afirmou. Foi isso o que eu quis dizer.

Apesar de Alice não ter olhado na direção dele, seu rosto começou a demonstrar um pouco mais de deleite do que antes, ou um tipo diferente de deleite. Você não se importa se as pessoas que te conhecem te vejam saindo com estranhas?, ela questionou.

Você quer dizer por ser esquisito ou sei lá o quê? Não me incomoda muito, não.

No resto da caminhada até a casa de Alice, pela rua costeira, eles entabularam uma conversa sobre a vida social de Felix, ou melhor, Alice fez uma série de perguntas sobre o assunto, a que ele ponderou e respondeu, ambos falando mais alto do que antes devido ao barulho do mar. Ele não demonstrou surpresa diante das questões dela e as respondeu de bom grado, mas sem entrar em muitos detalhes ou oferecer quaisquer informações além das que eram claramente solicitadas. Ele disse que socializava sobretudo com as pessoas que conhecera na escola e as do trabalho. Os dois círculos se entrecruzavam um pouco, mas não muito. Em contrapartida, ele não perguntou nada a ela, talvez desestimulado pelas réplicas acanhadas que ela dera às perguntas que ele fizera mais cedo, ou talvez não mais interessado.

É aqui, ela anunciou, por fim.

Onde?

Ela abriu um portãozinho branco e disse: Aqui. Ele parou de andar e olhou para a casa, situada depois de um gramado que formava uma rampa. Nenhuma das janelas estava iluminada, e não era possível ver grandes detalhes da fachada, mas a expressão dele indicava que sabia onde estavam.

Você mora no presbitério?, ele exclamou.

Ah, eu não imaginei que você conhecesse. Eu teria te contado no bar, não estava fazendo mistério.

Ela segurava o portão para ele, e, com os olhos ainda no vulto da casa, que se assomava sobre eles, de frente para o mar, ele a seguiu. Ao redor deles, o gramado escuro farfalhava com o vento. Ela subiu com passos leves e revirou a bolsa à procura das chaves da casa. O barulho delas vinha de algum canto da bolsa, mas ela não conseguia achá-las. Ele ficou parado ali, calado. Ela se desculpou pela demora e ligou a lanterna do celular, iluminando o interior da bolsa e jogando também uma luz fria e cinza nos degraus da entrada da casa. Ele estava com as mãos no bolso. Achei, ela anunciou. Então destrancou a porta.

Lá dentro, havia um corredor amplo com azulejos vermelhos e pretos. Uma luminária de vidro marmorizado pendia do teto, e uma mesa longa e estreita junto à parede exibia uma lanta esculpida em madeira. Ela largou as chaves na mesa e deu uma rápida olhada no espelho escuro, sujo da parede.

Você está alugando a casa sozinha?, ele perguntou.

Eu sei, ela disse. É enorme, óbvio. E estou gastando milhões para deixar aquecida. Mas é legal, não é? E não me cobram nada de aluguel. Vamos na cozinha? Vou ligar o aquecedor.

Ele a seguiu por um corredor rumo à cozinha espaçosa, com armários presos a uma das paredes e uma mesa de jantar do outro lado. Sobre a pia havia uma janela que dava para o quintal. Ele ficou no limiar da porta, enquanto ela buscava algo em um dos armários. Olhou na direção dele.

Você pode se sentar se quiser, ofereceu. Ou pode continuar de pé se preferir assim. Quer uma taça de vinho? É a única coisa que eu tenho em casa, em termos de bebida. Mas primeiro vou tomar um copo d'água.

Que tipo de coisa você escreve? Se você é mesmo escritora.

Ela se virou, perplexa. Se eu sou?, ela repetiu. Você por acaso acha que eu estava mentindo? Eu teria inventado coisa melhor se estivesse. Sou romancista. Escrevo livros.

E você não ganha dinheiro fazendo isso, ganha?

Como se percebesse um novo sentido nessa questão, ela olhou para ele outra vez e voltou a servir a água. Ganho, sim, ela disse. Ele continuou a observando e depois se sentou à mesa. As cadeiras eram acolchoadas com almofadas de burel enrugado. Tudo parecia muito limpo. Ele esfregou o tampo liso da mesa com a ponta do indicador. Ela pôs um copo d'água na frente dele e se sentou em uma das cadeiras.

Você já tinha estado aqui?, ela perguntou. Você reconheceu a casa.

Não, só conheço por ter crescido na cidade. Nunca soube quem morava aqui.

Eu também mal conheço. Um casal mais velho. A mulher é artista, acho.

Ele assentiu e ficou calado.

Te mostro a casa, se você quiser, ela acrescentou.

Ele continuou sem dizer nada e dessa vez nem sequer assentiu. Ela não se incomodou com isso; parecia confirmar uma desconfiança que vinha acalentando, e, quando voltou a falar, foi no mesmo tom seco, quase sarcástico.

Você deve achar que eu sou louca de morar aqui sozinha, ela concluiu.

De graça?, ele respondeu. Porra, você seria louca se não morasse. Ele bocejou sem inibição e olhou pela janela, ou melhor, para a janela, já que estava escuro lá fora e a vidraça apenas refletia o interior da cozinha. Quantos quartos tem aqui, só por curiosidade?, ele perguntou.

Quatro.

Onde fica o seu?

Em resposta a essa pergunta abrupta, ela a princípio não mexeu os olhos, continuando atenta ao próprio copo por alguns segundos antes de fitar os olhos dele. Lá em cima, ela declarou. Todos ficam lá em cima. Quer que eu te mostre?



Por que não?, ele disse.

Levantaram-se da mesa. No patamar do segundo andar, havia um tapete turco com franja cinza. Alice empurrou a porta de seu quarto e acendeu uma luminária de chão. À esquerda, havia uma cama de casal ampla. As tábuas do assoalho eram simples, e, junto a uma parede, ficava uma lareira feita de azulejos cor de jade. À direita, uma janela de caixilho grande dava para o mar, para a escuridão. Felix foi até a janela e se curvou em direção à vidraça, fazendo com que sua sombra escurecesse o clarão da luz refletida.

A vista daqui deve ser ótima de dia, comentou Felix.

Alice ainda estava parada à porta. É, é linda, ela respondeu. Melhor ainda de tardinha, na verdade.

Ele deu as costas para a janela, lançando seu olhar avaliativo para os outros detalhes do quarto, enquanto Alice o observava.

Muito legal, ele concluiu. O quarto é muito legal. Você vai escrever um livro enquanto estiver aqui?

Acho que vou tentar.

E os seus livros são sobre o quê?

Ah, sei lá, ela disse. Pessoas.

É meio vago. Sobre que tipo de pessoas você escreve? Pessoas feito você?

Ela o olhou com calma, como se para lhe dizer alguma coisa: que entendia o jogo dele, talvez, e que até deixaria que ele o vencesse, contanto que ele fosse agradável ao jogá-lo.

Que tipo de pessoa você acha que eu sou?, ela questionou.

Algo na frieza tranquila do semblante dela pareceu abalá-lo, e ele deu uma risada rápida, esganiçada. Ora, ora, ele disse. Te conheci umas horas atrás, ainda não cheguei a uma conclusão sobre você.

Espero que você me informe quando chegar.

Talvez.

Por alguns segundos ela continuou ali no quarto, imóvel, enquanto ele perambulava um pouco e fingia olhar os objetos. Os dois souberam, nesse momento, o que estava para acontecer, embora nenhum deles fosse capaz de explicar exatamente como ficara sabendo. Ela aguardava com uma atitude imparcial, enquanto ele continuava a observar ao redor, até que, por fim, talvez sem mais energia para adiar o que era inevitável, ele agradeceu e foi embora. Ela o acompanhou escada abaixo — até parte da escada. Ela estava parada no degrau quando ele saiu porta afora. Era uma daquelas coisas. Depois, os dois se sentiram mal, nenhum deles com muita certeza de por que a noite resultara em tamanho fracasso no fim das contas. Parada ali na escada, sozinha, ela olhou para trás, para o patamar do segundo andar. Siga seus olhos agora e repare na porta do quarto aberta, uma fresta de parede branca visível através dos balaústres do corrimão.

Querida Eileen. Esperei tanto tempo para você responder ao meu último e-mail que estou mesmo — imagine só! — escrevendo outro antes de receber a sua resposta. Em minha defesa, reuni bastante material agora e, se eu esperar mais, vou começar a me esquecer das coisas. Você deve saber que a nossa correspondência é meu jeito de me agarrar à vida, fazer anotações sobre ela e assim preservar alguma parte da minha — de resto quase inútil, ou até completamente inútil — existência neste planeta que se degenera rapidamente... Incluo este parágrafo principalmente para deixá-la com sensação de culpa por não ter me respondido antes, e assim conseguir uma resposta mais rápida desta vez. Em todo caso, o que é que você anda fazendo que não pode me mandar e-mail? Não fala que está trabalhando.

Estou enlouquecendo pensando no aluguel que você paga em Dublin. Você sabia que agora está mais caro aí do que em Paris? E, me perdoe, mas Paris tem o que falta a Dublin. Um dos problemas é que Dublin é, e falo literal e topograficamente, plana — então, tudo precisa acontecer em um único plano. Outras

idades têm redes de metrô, que dão profundidade, e montes íngremes e arranha-céus que dão altura, mas Dublin só tem prédios baixinhos, cinzentos, e bondes que passam ao lado das ruas. E não tem pátios ou terraços com jardins como nas cidades continentais, que pelo menos rompem a superfície — se não verticalmente, então conceitualmente. Você já tinha pensado dessa forma? Mesmo que não, talvez você já tenha reparado nisso em um nível subconsciente. Em Dublin, é difícil chegar lá no alto ou lá embaixo; é difícil se perder ou perder os outros, ou ganhar um senso de perspectiva. Você talvez ache que é um jeito democrático de organizar uma cidade — para que tudo aconteça cara a cara, quer dizer, em pé de igualdade. É verdade, ninguém está olhando para vocês do alto. Mas isso dá ao céu uma situação de domínio absoluto. Em nenhum lugar, o céu sofre uma interrupção significativa ou é dividido pelo que quer que seja. Talvez você mencione o Spire, e eu admito que o Spire é, de qualquer forma, a interrupção mais estreita possível, e pende como uma fita métrica para demonstrar o tamanho diminuto de todos os outros edifícios ao redor. O efeito total do céu faz mal às pessoas de lá. Nada nunca interfere para obstruir aquela coisa da nossa visão. É como um *memento mori*. Gostaria que alguém fizesse um buraco nele para você.

Ultimamente tenho pensado na política da direita (não temos todos?) e como foi que esse conservadorismo (a força social) passou a ser associado ao voraz capitalismo de mercado. A ligação não é óbvia, pelo menos para mim, já que os mercados não preservam nada, e sim ingerem todos os aspectos do quadro social existente e os expõem, destituídos de sentido e memória, como transações. O que pode haver de “conservador” nesse processo? Mas também me impressiona que a ideia de “conservadorismo” seja falsa em si mesma, pois nada pode ser conservado tal como é — digo, o tempo só se move em uma direção. Essa ideia

é tão básica que, a primeira vez que pensei nela, me senti genial e depois fiquei me perguntando se eu era uma idiota. Mas faz algum sentido para você? Não temos como conservar nada, em especial as relações sociais, sem alterar sua natureza, restando uma parte de sua interação com o tempo de forma artificial. Olhe só o que os conservadores fazem do meio ambiente: a ideia deles é extrair, saquear e destruir, “porque é o que a gente sempre fez” — mas é justamente devido a esse fato que a terra com a qual fazemos isso já não é mais a mesma. Imagino que você ache isso tudo extremamente rudimentar ou talvez ache até que sou não dialética. Mas foram só pensamentos abstratos que tive, que precisei anotar, e dos quais você acabou sendo (de bom ou mau grado) a receptora.

Fui à lojinha hoje comprar alguma coisa para almoçar, e de repente tive uma sensação estranhíssima — uma consciência espontânea da improbabilidade desta vida. Quer dizer, pensei em todo o resto da população humana — da qual a maioria vive no que você e eu consideramos uma pobreza abjeta — que nunca viu ou entrou em uma loja dessas. E isso, isso, é o que o trabalho deles todos sustenta! Esse estilo de vida, para gente como nós! Todas essas diversas marcas de refrigerante em garrafas plásticas, e todas essas ofertas de almoço embalado, e doces em sacos lacrados, e docinhos assados na loja — é isso, o auge de todo o trabalho do mundo, de toda a queima de combustíveis fósseis e de toda a labuta extenuante nos cafezais e nas plantações de cana-de-açúcar. Tudo por isso! Essa lojinha de conveniência! Senti tontura pensando nisso. Eu realmente passei mal. Era como se de repente me lembrasse de que minha vida era ela toda parte de um programa de televisão — e todos os dias pessoas morriam fazendo o programa; morriam pisoteadas das formas mais horríveis, crianças, mulheres, e só para eu poder escolher entre várias opções de almoço, todas embaladas em diversas camadas de

plástico descartável. Foi pra isso que eles morreram — era esse o grande experimento. Pensei que fosse vomitar. É claro, uma sensação dessa não tem como perdurar. Talvez tenha me sentido mal pelo resto do dia, ou mesmo pelo resto da semana — e daí? Ainda tenho que comprar meu almoço. E, caso você esteja preocupada comigo, vou te assegurar, comprei mesmo o almoço.

Vou dar agora notícias sobre minha vida rural e depois me despeço. A casa é de uma enormidade caótica, como se tivesse o hábito de produzir ambientes novos, ainda não vistos, de forma espontânea. Também é fria e, em alguns cantos, é úmida. Moro a vinte minutos de caminhada até a loja supracitada e tenho a impressão de que passo boa parte do meu tempo indo e voltando de lá para comprar coisas de que me esqueci na última ida. É provável que isso seja ótimo para formar caráter, e que da próxima vez que nos encontrarmos eu já tenha uma personalidade incrível. Uns dez dias atrás, saí com uma pessoa que trabalhava em um depósito de remessas e ele me detestou completamente. Para ser justa comigo (sempre sou), acho que a esta altura já esqueci como me portar no convívio social. Tenho pavor de imaginar que caras fiz na tentativa de parecer o tipo de pessoa que vive interagindo com outras. Até mesmo ao escrever este e-mail me sinto meio vaga e fragmentada. Rilke tem um poema que termina assim: “Quem está sozinho, vai ficá-lo ainda mais./ Inso-ne, há de ler, escrever cartas torrenciais/ e correr as aleias num inquieto ir e vir/ enquanto o vento carrega as folhas outonais”. Não seria capaz de inventar uma descrição melhor da minha atual situação, mas é abril, e o vento não está carregando as folhas. Perdoe a “carta torrencial”, portanto. Espero que você venha me ver. Muito, muito, muito amor sempre, Alice.

Ao meio-dia e vinte de uma tarde de quarta-feira, uma mulher estava sentada atrás de uma mesa em um escritório compartilhado no centro da cidade de Dublin, rolando a tela para analisar um documento de texto. Tinha o cabelo bem escuro, preso de qualquer jeito com uma presilha tartaruga, e usava um suéter cinza enfiado na calça cigarrete preta. Movimentando o scroll macio e engordurado do mouse, ela examinava o arquivo, os olhos saltando de uma coluna estreita de texto para outra, e de vez em quando parava, clicava e inseria ou deletava caracteres. O mais comum era inserir dois pontos-finais no nome “wh Auden” para padronizar a grafia como “W.H. Auden”. Ao chegar ao fim do documento, ela abriu o comando “localizar”, selecionou a opção de diferenciar maiúsculas e minúsculas, e procurou: “wh”. Não obteve nenhuma correspondência. Rolou o scroll de volta para o início do texto, palavras e parágrafos voando tão rápido que pareciam quase ilegíveis, e então, aparentemente satisfeita, salvou o trabalho e fechou o arquivo.

A uma hora ela avisou aos colegas que ia almoçar, e eles lhe

sorriram e acenaram detrás dos monitores. Vestindo um casaco, ela foi a uma cafeteria perto do escritório e se sentou a uma mesa perto da janela, onde comeu um sanduíche com uma mão e, com ajuda da outra, lia um exemplar do romance *Os irmãos Karamázov*. De vez em quando, deixava o livro sobre a mesa, limpava as mãos e a boca com um guardanapo de papel, espiava ao redor como se para verificar se alguém estava olhando para ela, e depois retomava a leitura. Às vinte para as duas, ela ergueu os olhos e viu um louro alto entrar na cafeteria. Usava terno e gravata, um cordão de plástico no pescoço, e falava ao celular. É, ele disse, me falaram que seria na terça-feira, mas vou ligar e conferir pra você. Ao ver a mulher sentada junto à janela, o semblante dele mudou, e às pressas ele levantou a mão desocupada, articulando com a boca Ei. Ao celular, continuou: Não acho que você recebeu a cópia desse, não. Fitando a mulher, apontou para o celular com impaciência e fez um gesto de quem fala com a mão. Ela sorriu, mexendo no canto de uma página do livro. Certo, certo, disse o homem. Escuta, na verdade eu não estou no escritório agora, mas faço isso quando eu voltar. É. Bom, bom, foi bom falar com você.

O homem encerrou a ligação e foi até a mesa dela. Olhando-o de cima a baixo, ela comentou: Ah, Simon, você está com um jeito tão importante que fico com medo de você ser assassinado. Ele pegou o cordão e o examinou com um olhar crítico. É esse troço aqui, ele retrucou. Faz eu me sentir como se merecesse ser. Posso te pagar um café? Ela disse que ia voltar ao trabalho. Bom, ele respondeu, posso te pagar um café para viagem e te acompanhar até lá? Quero sua opinião sobre uma coisa. Ela fechou o livro e respondeu que sim. Enquanto ele ia ao balcão, ela se levantou e limpou as migalhas de sanduíche que tinham caído no colo. Ele pediu dois cafés, um pingado e um preto, e pôs algumas moedas no jarro de gorjetas. A mulher se aproxi-



mou dele, tirando a presilha do cabelo e prendeu-o outra vez. Como foi a prova de roupa da Lola, afinal de contas?, o homem perguntou. A mulher ergueu a cabeça, fitou os olhos dele e soltou um ruído estranho, abafado. Ah, tudo bem, ela disse. Você sabe que a minha mãe está na cidade, e vamos todas nos encontrar amanhã para procurar nossas roupas para o casamento.

Ele deu um sorriso suave, observando o avanço do preparo dos cafés atrás do balcão. Que engraçado, ele mencionou, outro dia eu tive um sonho ruim em que você se casava.

O que é que tinha de ruim?

Você estava se casando com outro, não comigo.

A mulher riu. Você fala desse jeito com as mulheres do seu trabalho?, ela questionou.

Ele se virou para ela, sorridente, e respondeu: Claro que não, eu teria um problema sério. E com toda a razão. Não, eu nunca flerto com ninguém do trabalho. No máximo, tentam flertar comigo.

Imagino que sejam todas de meia-idade e que você queira se casar com as filhas delas.

Não tenho como concordar com essa imagem cultural negativa que se faz em torno das mulheres de meia-idade. De todas as faixas etárias, acho que é a que eu mais gosto.

Qual é o problema das mulheres novas?

Elas são um pouquinho...

Ele gesticulou, mexendo a mão no ar de um lado para o outro para indicar fricção, incerteza, química sexual, indecisão, ou talvez mediocridade.

Suas namoradas nunca são de meia-idade, a mulher observou.

E eu também não sou, por enquanto, obrigado.

Na saída da cafeteria, o homem segurou a porta para que a mulher passasse, o que ela fez sem lhe agradecer. O que é que vo-

cê queria me perguntar?, ela indagou. Acompanhando-a na caminhada rumo ao escritório dela, ele disse que queria um conselho a respeito de uma situação que surgira entre dois amigos dele, que a mulher parecia conhecer de nome. Os amigos dividiam um apartamento, e então se envolveram em uma espécie de relacionamento sexual ambíguo. Passado um tempo, o amigo começou a sair com outra pessoa, e agora a amiga, que continuava solteira, queria sair do apartamento, mas não tinha dinheiro nem lugar para onde ir. Na verdade, é mais uma questão sentimental do que uma questão de moradia, a mulher constatou. O homem concordou, mas acrescentou: Mesmo assim, acho que provavelmente é melhor para ela se mudar. Parece que ela escuta eles transando de noite, então não é uma boa. A essa altura, tinham chegado à entrada do prédio. Você podia emprestar dinheiro para ela, a mulher sugeriu. O homem respondeu que já tinha oferecido, mas que ela recusou. O que era um alívio, na verdade, ele completou, porque meu instinto diz para não me envolver muito. A mulher perguntou como o amigo tinha se justificado, e o homem respondeu que o amigo tinha a sensação de que não estava fazendo nada errado, que a relação anterior chegara ao fim naturalmente e o que ele deveria fazer, continuar solteiro para sempre? A mulher fez uma careta e disse: Nossa, é, ela precisa mesmo sair do apartamento. Vou ficar de olho. Permaneceram na entrada um pouco mais. O meu convite de casamento chegou, aliás, o homem comentou.

Ah, sim, ela disse. Foi esta semana.

Você sabia que iam me deixar levar acompanhante?

Ela o olhou como que para se certificar de que ele estava brincando, e então ergueu as sobrancelhas. Que bom, ela disse. Não me deixaram, mas, tendo em conta a situação, imagino que fosse ser indelicado.

Quer que eu vá sozinho como um gesto de solidariedade?

Após uma pausa, ela questionou: Por quê, tem alguém que você esteja pensando em levar?

Bom, acho que a menina com quem estou saindo. Se não fizer diferença para você.

Ela disse: Hmm. Então acrescentou: Espero que você queira dizer “mulher”.

Ele sorriu. Ah, vamos ser mais simpáticos, ele disse.

Você fica me chamando de menina pelas costas?

Claro que não. Não te chamo de nada. Sempre que mencionam seu nome, eu fico atrapalhado e saio de perto.

Desconsiderando o comentário, a mulher perguntou: Quando foi que você conheceu ela?

Ah, sei lá. Faz umas seis semanas.

Não é mais uma mulher escandinava de vinte e dois anos, é?

Não, ela não é escandinava, ele respondeu.

Com uma expressão exageradamente saturada, a mulher jogou o copo de café na lixeira que ficava na porta do escritório. Observando-a, o homem acrescentou: Posso ir sozinho se você preferir. Podemos trocar olhares no salão.

Nossa, você dá a impressão de que estou desesperada, ela apontou.

Meu Deus, não foi essa a minha intenção.

Ela passou alguns segundos calada, parada, olhando o tráfego. Em seguida, disse alto: Ela estava linda na prova. A Lola. Você perguntou.

Ainda de olho nela, ele afirmou: Eu imagino.

Obrigada pelo café.

Obrigado pelo conselho.

Durante o resto da tarde, no escritório, a mulher trabalhou no mesmo programa de edição de texto, abrindo arquivos novos, mexendo em apóstrofes e deletando vírgulas. Depois de fechar um documento e antes de abrir outro, tinha o hábito de verificar

suas redes sociais. Sua expressão, sua postura, não mudava de acordo com as informações que via nelas: uma notícia sobre um desastre natural horrível, a fotografia do amado bichinho de estimação de alguém, uma jornalista mulher falando de ameaças de morte, uma piada rebuscada que exigia conhecimento de várias outras piadas da internet para se tornar vagamente compreensível, uma condenação veemente da supremacia branca, um tuíte patrocinado fazendo propaganda de um suplemento vitamínico para mulheres grávidas. Nada mudou em sua relação extrínseca com o mundo que possibilitasse a um observador determinar o que ela sentia quanto ao que via. Em seguida, depois de certo tempo, sem nenhum gatilho aparente, fechava o navegador e reabria o editor de texto. Vez por outra, um dos colegas intervenha com uma pergunta relacionada ao trabalho, e ela respondia, ou alguém dividia uma anedota engraçada com os colegas e todos riam, mas de modo geral o serviço seguia em silêncio.

Às cinco e trinta e cinco da tarde, a mulher tirou o casaco do gancho e deu tchau aos colegas que ainda estavam no escritório. Desenrolou os fones do celular, os plugou, e desceu pela Kildare Street rumo à Nassau Street, depois dobrou à esquerda, andando em zigue-zague na direção oeste. Depois de vinte e oito minutos de caminhada, parou em um condomínio recém-construído à beira do rio e entrou, subindo dois lances de escada e destrancando a porta branca lascada. Ninguém mais estava em casa, mas a disposição e a decoração insinuavam que não era a única habitante. Uma salinha escura, com uma janela acortinada de frente para o rio, dava para uma cozinha com fogão, frigobar e pia. Ela pegou uma tigela coberta com plástico-filme no frigobar. Descartou-o e a pôs no micro-ondas.

Depois de comer, foi para o quarto. Pela janela, a rua lá embaixo era visível, assim como a lenta ondulação do rio. Tirou o casaco e os sapatos; tirou a presilha do cabelo e fechou a corti-

na, fina e amarela, com estampa de retângulos verdes. Ela se despiu do suéter e se contorceu para tirar a calça, deixando as duas peças amassadas no chão, a textura da calça um pouco brilhosa. Em seguida, pegou um moletom de algodão e uma calça legging cinza. O cabelo, escuro e solto sobre os ombros, parecia limpo e um pouco ressecado. Enfiou-se na cama e pegou o notebook. Passou um tempo olhando o site de vários jornais, vez por outra abrindo e lendo até a metade longas matérias sobre as eleições no exterior. Seu semblante estava abatido e cansado. Do corredor externo, duas outras pessoas entravam no apartamento, conversando sobre pedir o jantar. Passaram pelo quarto dela, as sombras por um instante visíveis pela fresta sob a porta, e então foram para a cozinha. Abrindo uma janela anônima no notebook, a mulher acessou o site de uma rede social e digitou as palavras “aidan lavelle” na caixa de pesquisa. Uma lista de resultados apareceu e, sem olhar para as outras alternativas, ela clicou no terceiro link. Um novo perfil se abriu na tela, exibindo o nome “Aidan Lavelle” sob a foto da cabeça e dos ombros de um homem de costas. O cabelo dele era volumoso e escuro, e ele usava uma jaqueta jeans. Debaixo da foto, lia-se a legenda: garoto triste da cidade. proprietário de um cérebro normal. me procure no soundcloud. A atualização mais recente dele, postada três horas antes, era a imagem de um pombo na sarjeta com a cabeça enterrada em um pacote de batatinhas jogado fora. Na legenda, lia-se: mesma coisa. O post tinha 127 curtidas. No quarto, encostada na cabeceira da cama desarrumada, a mulher clicou na publicação, e os comentários apareceram. Uma réplica, de uma usuária de nome Actual Death Girl, dizia: parece você e tal. A conta de Aidan Lavelle havia respondido: tem razão, uma beleza louca. A Actual Death Girl curtira essa resposta. A mulher do notebook clicou no perfil da Actual Death Girl. Depois de passar trinta e seis minutos olhando diversos perfis de rede

social conectados ao de Aidan Lavelle, a mulher fechou o notebook e se deitou na cama.

A esta altura, já passava das oito horas da noite. Com a cabeça no travesseiro, a mulher apoiou o punho na testa. Usava uma pulseira fina de ouro, que cintilava um pouco sob a luz do abajur. Seu nome era Eileen Lydon. Tinha vinte e nove anos. O pai, Pat, administrava uma fazenda no condado de Galway, e a mãe, Mary, era professora de geografia. Tinha uma irmã, Lola, que era três anos mais velha do que ela. Quando criança, Lola era forte, corajosa, travessa; já Eileen era ansiosa e vivia doente. Passavam as férias escolares juntas, criando elaborados jogos narrativos em que assumiam o papel de irmãs humanas que ganhavam acesso a mundos mágicos, Lola improvisando os principais acontecimentos do enredo e Eileen embarcando junto. Quando podiam, jovens primos, vizinhos e filhos dos amigos da família eram recrutados para representar o papel de personagens coadjuvantes, inclusive, vez por outra, um garoto chamado Simon Costigan, que era cinco anos mais velho que Eileen e morava do outro lado do rio, onde antigamente ficava a mansão senhorial da região. Era um menino extremamente bem-educado que estava sempre de roupas limpas e agradecendo aos adultos. Sofria de epilepsia e às vezes precisava ir ao hospital, uma vez até de ambulância. Sempre que Lola ou Eileen eram malcriadas, a mãe, Mary, perguntava por que elas não podiam ser mais parecidas com Simon Costigan, que não só se comportava bem como tinha também a dignidade de “não reclamar nunca”. À medida que foram crescendo, as irmãs pararam de incluir Simon e qualquer outra criança nos jogos e migraram para os ambientes fechados, rabiscando mapas fictícios em papel de carta, inventando alfabetos cifrados e gravando fitas. Os pais encaravam essas atividades com uma tranquila falta de curiosidade, felizes de fornecer papel, canetas e fitas virgens, mas sem interesse de ouvir o que fosse sobre os habitantes imaginários de países fictícios.